

O CORAL INFANTOJUVENIL DA UFMT E OS DESAFIOS DE PEÇAS A TRÊS VOZES

Luanna Aparecida Batista da Fonseca
Universidade Federal de Mato Grosso
Luanna_fonseca05@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência do Coral infantojuvenil da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, contém informações sobre os ensaios, escolha de repertório e divisão de vozes. Apresenta os desafios de fazer peças a três vozes com um coro infantojuvenil onde se encontram: crianças, pré-adolescentes e adolescentes. Visando sempre buscar um repertório que possa ser adequado para essas três fases diferentes, no mesmo haverá também informações sobre arranjos e adaptações que são feitas pelo regente, ressaltaremos o uso da partitura que é material indispensável do ensaio, pois com a partitura os coristas além da referência auditiva conseguem ter uma referência visual, no mesmo é possível identificar as alturas das notas por meio da localização espacial delas no papel e isso facilita com que eles identifiquem sua voz. E conta o processo de leitura do repertório utilizando as três vozes que se dividem em: 1ª voz (aguda), 2ª voz (média), 3ª voz (grave). Contemplamos também no trabalho a experiência de se realizar o Ensaio Aberto, que é um ensaio como o próprio nome já diz, porém com a presença dos pais/responsáveis e convidados. Neste evento buscamos fazer um ensaio normal, começamos com os vocalizes, passamos o repertório que já estava sendo trabalhado e iniciamos a leitura de uma nova peça, para que os responsáveis possam presenciar todo o processo de um ensaio.

Palavras-chave: coral infantojuvenil - repertório – ensaio aberto

Introdução

Ano após ano o trabalho do Coral Infantojuvenil da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT tem buscado atingir sua função social com a comunidade, proporcionando educação musical de qualidade a crianças e adolescentes de nossa região de forma gratuita. Paralelo a isso, o trabalho coral exige um produto final artístico que é apresentado à sociedade por meio das performances do grupo em apresentações realizadas anualmente.

Visando um resultado artístico cada vez melhor, nos últimos dois anos temos trabalhado com a divisão do coro a três vozes, fato esse que representa um grande desafio para nossa equipe.

De um ano para as outras várias mudanças ocorreram em nosso grupo no quadro de integrantes do coro e, de nossa equipe de trabalho. Assim sendo, desta forma foi necessário

uma readequação, assim aconteceu a divisão do coro que anteriormente só cantavam uma ou duas vozes, para essa nova estrutura a três vozes, o presente trabalho apresenta os resultados parciais de um tempo estimado em 7 meses de ensaio e preparação.

O Ensaio Aberto é um evento criado para que os pais/responsáveis e convidados conheçam um pouco mais da rotina do ensaio do coral, e como funciona o sistema de de leitura de peças e preparação para apresentações.

Na cidade em que residimos o canto coral ou canto coletivo, é pouco difundido, por isso sentimos a necessidade de apresentar aos familiares algo que é de que é de suma importância que é processo de ensino/aprendizagem, e não só o mesmo o produto final, desta forma o ensaio aberto é uma lembrança, para que os mesmos sejam conscientes de que a apresentação de final de ano é o resultado de todo o processo, e que este é o mais importante.

A seguir pontuaremos alguns passos importantes do trabalho que foi desenvolvido durante parte os 7 meses.

A divisão das vozes

O primeiro passo deste processo foi ouvir nossos cantores individualmente numa espécie de avaliação vocal por meio de vocalizes (exercícios vocais) e outros estímulos auditivos utilizando piano e voz como referências. Durante esta avaliação analisamos pontos como afinação, precisão rítmica, percepção auditiva e segurança vocal. Com estes dados em mãos, passamos a planejar a divisão do grupo em 3 vozes: 1ª voz (aguda), 2ª voz (média), 3ª voz (grave). Para que este processo acontecesse do melhor modo possível, era preciso compreender as características dos integrantes do nosso coral.

Atualmente, o Coral Infantojuvenil da UFMT conta com, aproximadamente, 85 coralistas entre 07 e 14 anos de idade. São meninos e meninas passando pelos estágios da infância, pré-adolescência e adolescência, sendo que este último representa um constante estado de mudança nas características fisiológicas de nossos cantores, fato este que vem a interferir em sua característica vocal. Existe um consenso entre a maioria dos autores quando se fala em extensão e tessitura vocal do canto durante esses períodos (CARNASSALE, 1995). A muda vocal que ocorre durante a adolescência para ambos os sexos (sendo de

forma muito mais acentuada nos meninos) é algo que deve ser pensado quando se prepara esse trabalho vocal para um grupo infantojuvenil. Segundo OLIVEIRA (1996, P.25 apud ADOCK, 1987) “A razão física para isso (maior notoriedade da muda vocal masculina sobre a feminina) é o desenvolvimento laríngeo com crescimento e espessamento das pregas vocais”.

Assim sendo, a primeira divisão foi realizada separando os coralistas de 12 anos acima na 3ª voz, considerando este o período de transição para a adolescência onde a voz apresenta características mais graves de extensão. Os cantores de 10 a 12 anos foram classificados quase todos na 2ª voz (vozes médio grave), salvando apenas algumas exceções e todos os outros de 07 anos a 10, classificados na 1ª voz (vozes agudas).

A partir das análises dos dados obtidos com as avaliações vocais individuais, buscando a equidade na quantidade de cantores em cada grupo e nas qualidades avaliadas em suas vozes (afinação, precisão rítmica, percepção auditiva e segurança vocal). Realizada a divisão dos grupos, passamos para o processo de escolha do repertório. O coral apresenta como proposta o oferecimento de músicas não midiáticas ao coro – esta proposta está sendo desenvolvida há anos dentro do projeto – foi preciso pensar em um repertório que se adequasse às características vocais do grupo. Com a separação em vozes, foi necessária uma pesquisa de arranjos que pudessem contribuir com a formação musical do coral e atendessem à demanda vocal de nossos cantores.

Tipos de arranjo

“A palavra ' arranjo ' pode ser aplicada a qualquer peça de música baseada ou incorporando material pré existente: tema e variação, o contrafactum, a missa de imitação, o pastiche e em obras litúrgicas baseado em um cantusfirmus tudo envolve algum nível de arranjo” (BOYD, 2001, tradução nossa).

Podemos entender arranjo como peça musical que se utiliza do material original de alguma outra peça, porém com algumas mudanças nas características, como a instrumentação, forma musical, estilo, harmonia, para grupos diferentes, entre outras características. Pereira (2011) explica que existem diferenças no uso do termo arranjo dentro da música popular e da música erudita. A autora cita que dentro da música popular o arranjo tomou uma proporção grande e o gênero apropriou-se do termo o transformando

na “própria composição”, enquanto na música erudita o termo acaba não tendo tanto destaque.

Dentro deste trabalho falaremos do arranjo para grupos vocais, que já é uma possível mudança na característica da peça musical original lembrando a definição de arranjo apresentado anteriormente. A música original pode já ser executada por uma voz de algum cantor, porém a peça, geralmente, também possui outros instrumentos que vão depender do gênero musical, e que serão executados por vozes dentro do arranjo vocal, como, por exemplo, cantar uma linha melódica que originalmente seria realizada por uma guitarra, ou por outro instrumento. O responsável por tomar essas decisões da utilização das vozes será o arranjador.

Como cita Pereira (2005) essas decisões são mais livres a um arranjador do que a um intérprete de música erudita, pois o é comum que o arranjador rearmonize, faça variações com a peça original. O arranjador pode escrever de forma homofônica, quando dentro da música todos articulam as notas de forma igual, com o ritmo idêntico; ou de forma polifônica com as vozes tendo movimentos diferentes, ritmos diferentes; ou ainda uma melodia acompanhada, onde uma voz executa a melodia e as outras vozes fazem o acompanhamento harmônico.

Cabe então ao arranjador que escreve para grupos vocais tomar tais decisões e chegar ao produto, com um arranjo de duas, três, quatro vozes ou mais. Leva-se em conta também para que tipo de grupo vocal é escrito o arranjo. Para coro infantil/infantojuvenil/juvenil, como é o nosso caso, se pensa no processo de desenvolvimento vocal das crianças e adolescentes e nas suas respectivas extensões vocais.

Uma das alternativas encontradas foi a produção de arranjos vocais e adaptações de canções para o coral feitas pelo regente Adonys Aguiar, buscando atender às características do coro, analisadas durante a avaliação vocal. Deste modo, foram produzidos os seguintes arranjos a 3 vozes:

- Lua soberana (Ivan Lins/ Victor Martins)
- Chuva (Iara Rennó/ Thalma de Freitas)
- Cravo e canela (Milton Nascimento/ Ronaldo Bastos)
- You make me feel (Daniel T. Griffiths/ CourageUmaigba/ DariusKeeler)

Além dessas peças foram inseridos ao repertório Ciranda (Gabriel Levy), um cânone a 2 vozes, e Suíte Hebraica (Allan E. Naplan/ Folclore Chassidica/ Avraham Zvildelson), arranjo confeccionado por Adonys Aguiar para o próprio Coral Infantojuvenil da UFMT em 2008. A partir desse repertório, teve início o processo de leitura das peças.

O uso da Partitura

O uso da partitura nos ensaios mostra-se importante não só no caráter musical, mas também no processo educacional dos coralistas. A partitura contém as informações da música que será executada pelo grupo, e nos ensaios também serve como uma forma de educação musical, onde os integrantes aprendem tais informações o que ajuda na leitura das peças que serão realizadas. Paziani (2015) aponta que:

A partitura musical, embora não seja propriamente a música, mas seu registro em papel permite, no entanto acesso à escrita musical e favorece a obtenção de maior precisão na execução da obra musical. Além disso, o manuseio da partitura por parte dos cantores e regentes permite a familiaridade com um tipo de registro amplamente conhecido internacionalmente, e é, também, um modo de se ensinar leitura musical aos estudantes. (PAZIANI, 2015, p.108).

Além das notas musicais existem também as notações de dinâmica, como *piano (p)* e *forte (f)*, que indicam a intensidade da música, as notações de *ritornelo* indicando onde a música retorna, entre outros tipos de notações, como de expressão, que enriquecem o conhecimento musical das coralistas e que tornam o desenvolvimento tanto dos ensaios como das apresentações mais ricos e criam maiores possibilidades de leitura de repertório, que nem sempre estão no idioma nativo, dando assim possibilidade os alunos de conhecerem a escrita, e sonoridade de idiomas diferentes.

]

Vocalizes

O preparo vocal é indispensável no trabalho de qualquer coro, quando falamos de preparo vocal de um coro infantojuvenil temos também a preocupação por se tratar de vozes em desenvolvimento e passando por mudanças. E é importante que o regente/preparador vocal tenha o conhecimento dessa variação vocal que ocorre durante esse período do desenvolvimento do aluno.

Além disso, os vocalizes utilizados para preparo e aquecimento vocal do grupo deve ter sentido com o som e com o repertório desejado pelo regente para o ensaio e apresentações, para que os coralistas consigam assimilar que o que ele faz no aquecimento deve ser aplicado no repertório. Exercícios que tenham saltos vocais como nas músicas que serão executados pelo grupo ajudam não só no aperfeiçoamento vocal dos cantores, mas também no fator auditivo. Os vocalizes para preparação vocal e aquecimentos podem ser usados.

Esse vocalize podem ter variações de altura, intensidade, fraseado, ritmos variados e outros elementos musicais que estão presentes no repertório, desenvolvendo assim, essa consciência e ouvido música do aluno. E o regente e preparador vocal adicionam o conjunto de vocalizes e exercícios que contribuam para o crescimento musical dos cantores.

Considerações finais

O processo de leitura de uma peça musical é uma das partes mais importantes do ensaio, pois através deste processo teremos a garantia do quão sólido ficou a informação para os coralistas. Toda peça passa por uma escolha rigorosa para que a mesma possa ser desafiadora, mas não impossível. No primeiro momento é feita a entrega das partituras ao coro, em seguida é feita a audição da peça para que eles possam seguir e acompanhar a música com o recurso visual em mãos; a partitura.

A partir desta etapa, começa o processo de ouvir, assimilar, entender a letra e cantar as notas. O regente toca no piano só a melodia principal da música para que todos ouçam sem que ninguém cante. Após a audição com o som do piano, o regente faz o trabalho de leitura rítmica daquela linha melódica que foi tocada, onde ele fala a letra da música no ritmo que será cantado, porém sem nenhuma altura definida, apenas a fala rítmica.

Na sequência o regente demonstra a forma com que ele deseja que os coralistas cantem utilizando a sua própria voz como referência. Posteriormente ele pede para que cantem junto, repetindo algumas vezes para que fique bem fixada a altura daquelas notas e a letra daquela parte da música que está sendo trabalhada.

As músicas onde se tem a divisão de vozes requerem um tempo maior de trabalho, pois as três vozes devem estar seguras nas linhas melódicas que estão fazendo. Desta forma é preciso passar várias vezes voz por voz. Além do regente, o coral conta com dois bolsistas que auxiliam em todos os ensaios e principalmente nesta parte.

Então muitas vezes enquanto o regente está na sala principal do coro passando a primeira e segunda voz, os dois bolsistas estão em outra sala fazendo um trabalho de passar apenas a terceira voz, e é em forma de repetição, pois a cada vez que se repete eles compreendem mais a música e sentem-se mais seguros para cantar. Isso é feito com todas as vozes e em cada ensaio uma voz é trabalhada individualmente, para deixar mais “claro” as notas, letras e trabalhar a afinação grupo.

É importante ressaltar que este processo é trabalhoso, pois os coralistas devem se habituar a ouvir a linha melódica da outra voz, que não é a sua e conseguir cantar a sua parte, sem que cante muito forte e sobressaia as outras vozes, pois todas as três vozes devem ter um equilíbrio de intensidade, para que nenhuma fique mais forte que a outra. Então, além de trabalhar a questão da voz individualmente de cada grupo, é preciso trabalhar as três vozes juntas.

Normalmente, as peças têm uma voz principal com a linha melódica e as outras vozes fazem a função do acompanhamento harmônico, deste modo é importantíssima a equidade das vozes, para que o acompanhamento não fique mais forte e nem que suma, nesta parte do trabalho é uma conscientização da música, onde todos devem compreender a sua função e trabalhar junto. É neste momento que são trabalhadas dinâmicas, intensidade, fraseado, ou seja, toda a estética da música, visando que a parte melódica já está resolvida.

Quando se junta todas as vozes é que os coralistas começam a perceber ainda mais a diferença de uma linha melódica para outra e é sempre muito importante que eles percebam e que saibam as diferenças, para que não se confundam na hora de cantar.

Logo depois de todo esse trabalho de leitura de peças novas que foram ensaiadas no primeiro semestre de 2018, o Coral Infantojuvenil promoveu o que chamamos de Ensaio

Aberto que, como o próprio nome já sugere é um ensaio que tem um caráter diferente de uma apresentação. Este é o momento onde os pais podem assistir como funciona o trabalho do canto coral no dia a dia, ou seja, o regente passa as peças trabalhadas, e caso haja erros ele pode e tem a liberdade de parar a música para fazer correções, é um momento onde os familiares podem presenciar todo trabalho que tem envolvido atrás de cada apresentação, todo o processo de ensaio, como são passada as vozes, como são feitas as leituras das músicas, como é passado às letras das músicas já que algumas músicas são em outro idioma.

Além de fazer músicas já trabalhadas em ensaios anteriores, no ensaio aberto é trabalhada uma leitura de peça nova à primeira vista, peça essa que os coralistas não conhecem isto é feito para que o público presente no ensaio aberto possa acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, e ver todo o trabalho que está envolvido, então neste tipo de ensaios eles podem ouvir as músicas já estudadas e prontas e ouvir como é a iniciação de uma nova peça, a devolutiva que temos do público ao final de cada ensaio aberto, é sempre muito positiva, em sua maioria eles não tinham conhecimento da quantidade de trabalho que está envolvido.

Assim, reafirmamos que para o coro ter um bom desempenho em suas apresentações se faz necessário a presença diária dos alunos nos ensaios, pontualidade, empenho e concentração dos mesmos e é de extrema importância que os pais ou responsável que levam os alunos até o ensaio saibam disso. Pensando sempre que a parte mais importante de todo esse processo não é a apresentação final, quando as crianças sobem ao palco e sim todo o desenvolvimento diário de ensaio, vemos o momento final, como uma grande celebração necessária, mas não que seja o mais importante, pois acreditamos que é no dia a dia do ensaio que o processo de musicalização acontece.

Referências

BOYD, Malcom. *Arrangement*, The New Grove Dictionary of Music and Musicians. 2nd ed., ed. Stanley Sadie, Vol2 (London: Macmillan Publishers, 2011), 65-66.

CARNASSALE, G. J. (1995). O Ensino de Canto Para Crianças e Adolescentes. Dissertação de mestrado não-publicada, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

OLIVEIRA, Vilson Gavaldão de. Coro Juvenil: o desafio para regentes e cantores. In: Revista Canto Coral, Brasília, ano 02, nº 02, 2003. 42 p.; p. 22-29.

OLIVEIRA, Vilson Gavaldão de. *O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil "a capella"*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996

PAZIANI, Juliana Damaris de Santana. *Coro Infante-Juvenil nos grupos Corais do Projeto Guri Regional Ribeirão Preto: Repertório e Formação de Regente (Educador Musical)*. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, André Protasio. *Arranjo Coral e Poiesis*. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005.

PEREIRA, Flávia Vieira. *As práticas de reelaboração musical*. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.